

## LEBLON

O Campo do Leblon, que deu nome ao Bairro, era uma chácara pertencente ao francês Carlos Le Blon que existia no local em meados do século passado. Em 1918, foi feita uma ponte sobre a barra da Lagoa ligando as Avenidas Vieira Souto, em Ipanema e a Delfim Moreira, no Leblon. Em 1920 o Prefeito Carlos Sampaio, realizou o saneamento e embelezamento da Lagoa, a construção da Epitácio Pessoa e de dois canais distintos: o da barra comunicando a Lagoa com o mar, que hoje é o Jardim de Alah e do canal da Avenida Visconde de Albuquerque, no final do Leblon. Em 1938 foi construída outra ponte sobre o canal ligando as duas Avenidas: Visconde de Pirajá à Avenida Ataulfo de Paiva e começou a circulação de bondes pela praia, fazendo com que as duas avenidas passassem a ser uma única via pública.

## LEBLON E SEU QUILOMBO

Ao final do século XIX, às vésperas da Lei Áurea, existiam dentro da cidade do Rio de Janeiro diversos quilombos de negros fugidos. Havia-os em Vila Isabel, Penha, Engenho Novo, bem como nas matas do Corcovado, Santa Teresa e Laranjeiras. Destes, o mais curioso foi, sem dúvida o do Leblon ou do “Seixas”.

José de Magalhães Seixas nasceu em Portugal em 1830 e com quatorze anos emigrou para o Brasil, naturalizando-se em 1875. Dedicou-se ao comércio de malas e artigos de couro, fundando casa comercial no Centro, onde amealhou fortuna. Com ela, comprou em 1878 do Tabelião Francisco José Fialho (1820?-1886) enorme chácara de dois milhões e setecentos mil metros quadrados na base do Morro Dois Irmãos, no Leblon, onde, em meio a luxuriantes jardins de camélias banhadas por regato de águas cristalinas, ergueu bonita casa. Esta ficava onde hoje existe o Clube Federal, na base do Pico dos Dois Irmãos (533m de altitude), na rua Alberto Rangel, ao final da rua Sambaíba.

Eram terras que de 1845 a 1857 pertenceram ao francês Carlos Leblon, que ali manteve uma empresa de pesca de baleias. Seixas abraçou a causa da abolição e não poucas vezes abrigou dezenas de negros fugidos numa caverna que existiu nos fundos da chácara, cuja entrada ocultava por portão recoberto de Coroas de Cristo. Era tão bem feita a camuflagem que o quilombo escapou incólume de todas as revistas policiais.

A 13 de março de 1887, dia de seu aniversário, Seixas deu monumental festa em sua casa, convidando para o banquete a fina flor do abolicionismo. Compareceram o deputado Joaquim Nabuco, o vereador João Clapp, os jornalistas José do Patrocínio (também vereador), Luiz de Andrade, Domingos Gomes dos Santos, Campos da Paz, Luiz da Fonseca, Ernesto Senna, Arthur Miranda, Brício Filho dentre outros. No final da festa, os convidados receberam a visita de cinquenta negros quilombolas ali acantonados, cujo líder fez tocante e inocente discurso de agradecimento. Respondeu Joaquim Nabuco com o mesmo linguajar dos escravos, bradando oração tão emocionada que levou os ouvintes às lágrimas.

À meia noite, os convidados partiram á pé pelo “Caminho do Pau”, atual rua Dias Ferreira, para pegar o bonde no “Largo das Três vendas”, atual “Praça Santos Dumont”, no Jockey. Foram todos escoltados pelos quilombolas, cada um munido de instrumentos musicais, flautas, gaitas, violões e cavaquinhos, num cortejo musical onde pontilhou a música negra e antecipou em quarenta anos nossos desfiles de Escola-de-Samba. Quando os convidados embarcaram no bonde, o vereador João Clapp bradou um “viva aos negros quilombolas”, que foi respondido com entusiasmo.

Quatorze meses depois, quando a Princesa Isabel assinou a lei de 13 de maio que extinguiu a escravidão no Brasil, os negros do “Quilombo do Seixas” saíram da

caverna, levando braçadas de camélias do jardim de Seixas, em procissão à pé até o Paço Imperial para ofertá-las à Princesa.

Nos idos de 1970, o “Clube Federal”, erguido no local do “Quilombo do Seixas”, abrigava outros “quilombolas”: Paulo José, Dina Sfat, Djenane Machado, Ruy Guerra, Bráulio Pedroso, Jardel Filho e todo o staff de artistas “globais”, que ainda hoje o freqüentam.

#### DELFIN MOREIRA DA COSTA RIBEIRO – DADOS BIOGRÁFICOS.

Político, nasceu em Cristina, Minas Gerais, em 1868. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi promotor público, juiz municipal, deputado estadual, secretário do Interior, senador estadual, deputado federal e presidente de Minas Gerais. Em 1918, elegeu-se vice-presidente da República, assumindo o governo, em consequência da morte de Rodrigues Alves, que falecera antes de tomar posse do cargo. Convocou de imediato novas eleições e governou até 28 de julho de 1919, data em que transferiu o cargo a Epitácio Pessoa. Quando foi presidente da República, foi inaugurada a grande avenida no novo bairro do Leblon, que levaria seu nome.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1920, aos 52 anos.

#### HORTOMERCADO COBAL - RUA GILBERTO CARDOSO - LEBLON

Concebidos em 1971 pelos arquitetos Alcides Horácio de Azevedo, Caio de Oliveira Castro e Márcio Guedes da Costa, como opção permanente às feiras livres, os Hortomercados do Leblon, Méier, Campinho e Humaitá seguem a mesma idéia básica no desenvolvimento do tema, que é a de criar um grande espaço coberto essencialmente livre de obstáculos e compartimentos fechados. A partir desta premissa, o elemento arquitetônico determinante é a cobertura, formada por calhas autoportantes de chapa galvanizada dobrada, justapostas lateralmente, com aberturas recobertas por fibras de vidro. O sistema construtivo adotado emprega soluções em aço para vencer grandes vãos, tirando partido das características estruturais do elemento de cobertura e restringindo os apoios aos pontos indispensáveis. Para o módulo básico de vendas lançou-se mão de componentes industrializados, arranjados adequadamente dentro dos parâmetros de padronização e racionalização que orientaram a proposta. Em 1972, o IAB/RJ concedeu a este projeto prêmio na categoria de edifícios para fins comerciais.

#### RIO FLAT SERVICE E RIO DESIGN CENTER - AV. ATAULFO DE PAIVA

O conjunto projetado em 1974 pela equipe de arquitetos formada por Fernando Abreu, Max Gruzman, Dibar Gonçalves, João Vicente A. Melo, Paulo Bernardo Goldstein, Márcia Queiroz Bastos e Marcus Vinícius L. de Souza, se compõe de torre de base poligonal, com 27 pavimentos sobre embasamento que ocupa toda a área do terreno, e de edifício-garagem com 13 pavimentos. O térreo faz a ligação destes elementos e dá acesso à torre (hotel-residência), à área comercial do shopping-center (subsolo, térreo e duas sobrelojas), à garagem mecanizada e à administração do shopping. A construção totaliza 34.700m<sup>2</sup>, sendo 21.600m<sup>2</sup> do hotel, 5.600m<sup>2</sup> do Rio-Design Center e 7.500m<sup>2</sup> do edifício-garagem. A disposição dos pilares na periferia da torre e a concentração da circulação vertical e redes de infra-estrutura no centro liberam os pavimentos do hotel-residência para solução mais compacta das unidades.

#### MONUMENTO A ZÓZIMO BARROSO DO AMARAL – ORLA DO LEBLON

Este notável monumento interativo mostra o colunista em estilo hiper-realista, de pé, trajando roupa social, com o paletó jogado sobre o ombro, e segurando uma máquina de escrever. Foi fundido em bronze pelo artista Roberto Sá, que se serviu de técnica inédita. O corpo de Zózimo foi modelado em cera numa pose naturalista, inspirada em fotos cedidas pela família. Depois de modelada, a escultura foi vestida com as roupas originais do jornalista, bem como foram adicionados alguns adereços, como gravata, lenço, caneta, etc; sobre os quais foi vertido o bronze, incorporando esses elementos definitivamente à obra. A figura foi colocada junto a uma coluna, mirando o mar do Leblon.

O conjunto foi inaugurado a 25 de novembro de 2.001

#### ZÓZIMO BARROSO DO AMARAL – DADOS BIOGRÁFICOS

O modernizador da linguagem das colunas sociais no Brasil, nasceu a 25 de novembro de 1941, no Rio. Zózimo começou como jornalista colaborador no Jornal O Globo, trabalhando para Ricardo Boechat e Ibrahim Sued. Em 4 de fevereiro de 1969, passou para o Jornal do Brasil, não sem antes ouvir uma recriminação de seu ex-chefe, Dr. Roberto Marinho, que o admirava: “você vai fazer uma besteira. Ninguém lá conhece Zózimo Barroso do Amaral”. Ao que ele respondeu: “pois bem, está na hora do mundo conhecer Zózimo!”

Até então, as colunas sociais no Brasil versavam sobre festas, recepções e fofocas íntimas da elite. Zózimo introduziu temas novos, tratando de assuntos gerais, literatura e, principalmente, trocou a “gente de bem” por “gente boa”. Escrevia com correção, estilo e humor. Dotado de um jornalismo investigativo de primeira qualidade, suas afirmações sempre eram inquestionáveis. Sofria uma média de três processos judiciais ao ano, mas sempre provava o que escrevia e nunca perdeu nenhum.

Depois de 24 anos colaborando no Jornal do Brasil, voltou ao O Globo em 1993, deixando lá para substituí-lo a jornalista Danuza Leão. Muito espirituoso, foi autor de frases famosas, como esta, sobre comportamento, seu tema predileto: “brega é perguntar o que é chique. Chique é não responder...”

Zózimo acordava cedo para passear na orla do Leblon, sendo que, não poucas vezes, ali mesmo rabiscaava algumas matérias as quais depois desenvolvia em sua máquina de escrever. Inspirou muitos colunistas atuais, como Hildegard Angel e Joaquim Ferreira dos Santos.

Zózimo morreu no Rio de Janeiro a 18 de novembro de 1997.

#### PRAIA DO VIDIGAL

Quanto à Praia do Vidigal e sua favela, a história é sucinta. Já em 1566, eram as terras da praia na base do Pico Dois Irmãos doada por Estácio de Sá a Antônio Preto. Em 1599 passaram tais terras a Antônio Pacheco Calheiros, que ficou com elas uns trinta anos. Adquiridas em c. 1630 por Gonçalo Correa de Sá, ficou em mãos da família até 1667, quando sua filha e herdeira, Da. Vitória de Sá a doou aos monges beneditinos. Os monges nada fizeram com a praia haja vista seu isolamento, tendo alienado tais terras em c. 1820 ao Major de Milícias Miguel Nunes Vidigal, autoridade maior da cidade durante o Primeiro Império (1822-31), cujo nome legou à praia de forma definitiva. Ficou em mãos de herdeiros até 1886, quando a adquiriu o engenheiro João Dantas, da “Companhia Viação Férrea Sapucaí”, cuja história vai contada abaixo. Dantas cinco anos depois envolveu-se na aventura dessa quimérica linha férrea que lhe custou todo seu patrimônio. Entretanto, o pico dos Dois Irmãos provavelmente seria ainda hoje inabitado não fosse a lendária figura do Comendador Niemeyer.

#### MIGUEL NUNES VIDIGAL – DADOS BIOGRÁFICOS

Militar, nasceu na Capitania do Rio de Janeiro em 1745. Alistou-se ainda jovem num dos regimentos de cavalaria de milícias da mesma capitania.

Foi promovido a alferes em dezembro de 1782, a tenente em dezembro de 1784, a capitão em 20 de outubro de 1790, a sargento-mór em 18 de março de 1797, a tenente-coronel em 24 de junho de 1808, a coronel em 26 de outubro também de 1808, a brigadeiro graduado em 10 de março de 1822, a brigadeiro em 12 de outubro de 1824.

Em janeiro de 1791 era capitão da 1<sup>a</sup>. companhia do esquadrão de cavalaria que fazia a guarda do Conde de Rezende, Vice-Rei do Brasil.

Em decreto de 23 de abril de 1821 foi nomeado segundo comandante da guarda real de polícia da Côrte.

Em 10 de março de 1824 foi transferido para o exército de 1<sup>a</sup>. linha.

Solicitou reforma, que lhe foi concedida no posto de marechal de campo em decreto de 14 de novembro de 1824.

Em 1<sup>o</sup>. de dezembro de 1822 foi agraciado com o hábito de cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Dentre os bens que amealhou em sua longa vida, estão as terras na encosta do Pico dos Dois Irmãos, no Leblon, onde hoje se ergue o Hotel Rio Sheraton.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 10 de junho de 1843, com a idade de 98 anos, sendo sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula.

#### CONRADO JACOB DE NIEMEYER

Conrado Jacob de Niemeyer nasceu em 31 de maio de 1842, na Serra do Tinguá, Município de Iguaçú, Província do Rio de Janeiro. Fez todos os estudos preparatórios para ser engenheiro, profissão de seu avô paterno, o coronel de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer, na antiga “Escola Central”. Depois de dois anos, teve de abandonar os estudos para ajudar no sustento da família.

Foi trabalhar como guarda livros da antiga “Casa Soares & Irmãos”. O tino comercial lhe valeu logo a posição de sócio proprietário. Ficou no ramo por 35 anos. Em 1880 fundou o “Clube de Engenharia”, onde ocupou o cargo de diretor tesoureiro durante 40 anos. Dizia-se que ele era o coração do clube, enquanto o engenheiro Paulo de Frontin era o cérebro. Conrado Jacob de Niemeyer teve 11 filhos.

Adquiriu muitas terras na Praia da Gávea em 1893. Essas terras tinham sido dos monges beneditinos desde 1667, quando as haviam recebido por doação de Da. Vitória de Sá, neta de Salvador Corrêa de Sá, terceiro Governador da Cidade do Rio de Janeiro e primo do fundador Estácio de Sá.

Em 1903, construiu, na então Praia da Gávea, a Igreja de São Conrado, que mais tarde deu nome ao bairro. Dificuldades de acesso ao local fizeram que as obras da Igreja se arrastassem até 1916. Sentindo na pele essas dificuldades, surgiu daí a idéia da abertura da Avenida Niemeyer.

Conrado Jacob também foi diretor secretário do “Moinho Fluminense” e fez parte dos conselhos fiscais do “Banco do Brasil” e da “Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico”.

Ele morreu em 5 de novembro de 1919.

#### AVENIDA NIEMEYER

Entretanto, o mérito da patemidade de uma das mais belas ruas da cidade não pode ser conferido apenas ao Comendador Conrado Jacob de Niemeyer. A história da

Avenida Niemeyer começou em 1891, quando a “Companhia Viação Férrea Sapucaí” esboçou na rocha da encosta do “Morro Dois Irmãos”, 35 metros acima do nível do mar, os primeiros riscos da avenida. O objetivo era fazer uma estrada de ferro ligando a Zona Sul, na época o bairro de Botafogo, à Angra dos Reis.

Depois que os 800 metros do lado do Leblon já tinham sido abertos, a “Companhia de Melhoramentos da Lagoa e Botafogo” reclamou do traçado da via férrea. Intimada pelo governo a alterar o projeto, a “Sapucaí” desistiu da obra. Em 1913, o diretor do “Colégio Anglo Brasileiro”, Charles Weeksteed Armstrong, localizado na então “Chácara do Vidigal”, não só aperfeiçoou o trecho abandonado como também ampliou-o por mais 400 metros. Hoje na “Chácara do Vidigal” está desde 1968 o Hotel Rio Sheraton.

Entra na história, então, o Comendador Conrado Jacob de Niemeyer, que doou terras à municipalidade em 1915 para que pudesse prolongá-la até a Praia da Gávea. Em outubro de 1916 foi inaugurada a Avenida Niemeyer, que foi projetada por Paulo de Frontin (1860-1933). A avenida foi batizada oficialmente no “1º. Congresso Nacional de Estradas de Rodagem”.

#### TRAMPOLIM DO DIABO

Quatro anos depois de sua inauguração, por causa da visita do Rei Alberto da Bélgica, a Niemeyer foi alargada, recebeu asfalto e os raios de suas curvas foram ampliados pelo então prefeito André Gustavo Paulo de Frontin (1919-20). Melhorada pelos alcaides seguintes, Carlos Sampaio (1920-22), que lhe colocou acostamento, e Alaôr Prata (1922-26), que abriu a “Gruta da Imprensa”, a Avenida Niemeyer seria palco do primeiro circuito automobilístico de rua do Rio de Janeiro, o “Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro”, conhecido extra-oficialmente como “Circuito da Gávea” ou “Trampolim do Diabo”.

A largada era, a princípio, no fim da Avenida Visconde de Albuquerque, em frente ao antigo “Hotel Leblon”. Os carros iam em direção à Avenida Niemeyer, passavam pela “Gruta da Imprensa”, subiam a “Rocinha” e desciam pela Rua Marquês de São Vicente, calçada a paralelepípedos e com trilhos de bonde, terminando após vinte voltas (223,2 km) no ponto de partida. Depois a largada passou a ser na Rua Marquês de São Vicente.

O trecho mais perigoso do circuito era o “Trampolim do Diabo”, cheio de curvas, compreendido hoje pelo início da Estrada da Gávea, onde havia a famosa “Curva em S”.

Foi realizado pela primeira vez no dia 08 de outubro de 1933, sagrando-se vencedor Manoel de Tefé, numa Alfa-Romeo, que fez todo o percurso em 3h19`24”, desenvolvendo a impressionante (para a época) velocidade média de 67,15 km por hora. Manoel de Tefé recebeu, como prêmio, a fantástica soma de 25 contos de réis.

A idéia do “Circuito da Gávea” foi do dinâmico empresário cinematográfico e teatral Francisco Serrador, que logo contou com a adesão do “Touring Club” e do diretor de certames da prefeitura, Dr. Lourival Fontes.

O mais grave acidente do “Circuito da Gávea” ocorreu em 1937 com Irineu Corrêa, o grande vencedor de 1934. Ao largar, logo na primeira volta, seu carro Ford-35 subiu ao meio fio numa curva em frente ao Jóquei Clube, batendo numa árvore, sendo Irineu retirado das ferragens do carro já morto. Antes disso, em 1934, também morrera Nino Crespi, quando sua “barata” foi de encontro a um poste na Rua Marquês de São Vicente.

Naqueles tempos, os corredores participavam das corridas por amor ao esporte. Os carros não tinham a segurança dos de hoje e os corredores não usavam capacete.

O “Circuito da Gávea” era sempre um dia de festa. Os corredores iam de madrugada preparar a pista, colocando sacos de areia nos pontos mais perigosos. Havia até uma corredora, a francesa Helenice, uma das primeiras mulheres a pilotar uma “barata” de corrida. Fez sucesso, não tanto pela sua perícia ao volante, mas pelas fotografias que tirava na praia do Leblon num maiô de duas peças e fumando cigarro...

O piloto brasileiro a alcançar maior destaque internacional foi Chico Landi, vencedor em 1938, 1941 e 1947. O campeão mundial Juan Manuel Fangio, que disputou em 1952, só conseguiu completar duas voltas. Em 1953, o vencedor foi o Barão Graffenried com a sua “Masseratti”. O mais famoso de todos, porém, foi o alemão Von Stuck com a sua “Auto Union”, em 1937, que ficou em segundo lugar depois de participar de um “pega” sensacional com Carlo Pintacuda, que acabou vencendo.

O “Circuito da Gávea” acabou em 1954. Não dava lucro, pois era um circuito de rua onde ninguém pagava. Em 1957 tentaram ressuscitá-lo dentro da “Quinta da Boa Vista”, em São Cristóvão, mas não funcionou haja vista o numero enorme de “penetras”. Foi realizado pela última vez em 1960, na Barra da Tijuca, sem o sucesso esperado.

#### GENTE E EMERGENTE NA NIEMEYER

A “bossa” da avenida continuou nas décadas de 60 e 70, quando virou endereço ilustre. Por lá moraram Elis Regina e Juca Chaves entre outros. Ainda estão lá o ex-prefeito Israel Klabin e a “socialite” Beatriz Larragoiti.

Vista privilegiada do mar, acesso perigoso e clima de mistério, A Niemeyer ganhou fama de “Namoródromo”. Já dizia um dos versos do compositor João de Barros, o “Braguinha”, na marchinha “Com Jeito Vai”: “Se alguém te convidar pra um programa no Joá, menina vai, com jeito vai, se não um dia, a casa cai”. No caminho para o Joá estava a Niemeyer, que deveria ser evitada pelas meninas de família. O retorno do princípio da Niemeyer era apelidado de “curva do arrependimento”, pois dali não se tinha mais remédio...

No deserto que era São Conrado em 1955, surgiu o primeiro bar moderno, logo atrás da igreja, o “Bem”, de longa tradição, fechando as portas em 1967. O proprietário, Ignácio Loyola Barros, tinha outras idéias. Com a fortuna acumulada em vinte anos atrás do balcão, comprou a casa de Conrado Niemeyer e em seu lugar inaugurou em 1967 o “Motel Vip`s”.

O nome não é apenas uma referência aos freqüentadores, mas uma homenagem aos filhos do casal Inácio-Teresa Loyola Barros. As iniciais de cada um deles formou o nome do motel: Vera Lúcia, Ignácio e Pantaleão. Anos depois, no piano de sua “Suíte Real”, o cantor e compositor Roberto Carlos compôs a música “Amada Amante” para uma companheira da vez...

Luís Carlos Prestes, mentor da “Intentona Comunista” de 1935, refugiou-se numa ladeira da Niemeyer, indo depois para Ipanema, onde foi preso. Seu arquiinimigo, Plínio Salgado, Chefe da “Ação Integralista Brasileira”, fez o mesmo três anos depois. Aliás, foi na Niemeyer que se programou toda a Intentona Integralista em maio de 1938 contra Getúlio Vargas, quando as tropas “verdes” saíram a muito custo da Niemeyer num velho caminhão para atacar sem sucesso o “Palácio Guanabara”.

#### MIRANTE SÉTIMO CÉU - PICO DOS DOIS IRMÃOS - FINAL DO LEBLON

Para quem gosta de caminhar, vale a pena subir ao Sétimo Céu, mirante situado numa ponta do Morro Dois Irmãos, acima da Avenida Niemeyer. Há uma linda vista do Leblon, Parque Nacional da Tijuca, Corcovado, Ipanema e Pedra do Arpoador.

## FAVELA DO VIDIGAL

Após a Segunda Guerra Mundial, cresceu muito de importância os bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon, cuja construção civil disparou haja vista o estímulo que a prefeitura do Marechal Ângelo Mendes de Moraes (1946-51) deu à construção de grandes prédios na zona sul, prática que perdurou por todos os administradores da cidade até os anos 70.

Começou então, a surgir uma pequena favela próximo à Praia do Vidigal, cujo primeiro nome foi de “Favela da Rampa da Avenida Niemeyer”. Segundo o recenseamento de 1950 essa favela já totalizava 1.274 moradores, sendo 665 homens e 609 mulheres.

Em 1968 foi iniciada a construção do Hotel Rio Sheraton, projeto do arquiteto Henrique E. Mindlin, um dos melhores “cinco estrelas” do Rio, na velha “Chácara do Vidigal”. A companhia que opera o hotel tentou “privatizar” a praia, proibindo o acesso dos moradores da favela ao mar, mas a gritaria foi geral e os favelados ganharam na justiça o direito de freqüentá-la. Em 1971 a Praia do Vidigal possuía índice de poluição seis vezes acima do aceitável, pois como não existia rede de esgotos, não só os da favela como os do hotel desembocavam na pequena praia. Até hoje o problema não foi resolvido à contento e pode-se dizer que nesse ponto a favela e o “cinco estrelas” são muito parecidos.

Tendo escapado de todas as tentativas de remoção nos anos 60 e 70, a Favela do Vidigal atingia em 1979 uma área de 191.480m<sup>2</sup>, com 5.285 domicílios, tendo população estimada de 26.425 habitantes. Era a segunda maior favela da Sexta Região Administrativa, só perdendo para a Rocinha, que era duas vezes e meia maior. Não é à toa que o primeiro prefeito do Rio de Janeiro a se bater pela preservação das favelas, reurbanizando-as, foi Israel Klabin, justamente vizinho do Vidigal.

No mês de junho de 1980 recebeu a Favela do Vidigal seu visitante mais ilustre, na figura do Papa João Paulo II. Por ordem do Governo Federal a favela foi invadida por fortíssimo contingente policial, tendo sido retirada, inclusive, parte da população. O Papa visitou a favela e impressionou a todos por sua simplicidade, tendo até entrado num dos barracos. Orou na capela local e lá fez um gesto inusitado. Doou seu próprio anel de ouro à comunidade.

Esse anel, que já deu muito pano para discussões, não era antigo ou artístico, mas carregava em si um valor simbólico muito grande, tendo a imprensa explorado o episódio sob diversas matizes. A comunidade da favela optou por não vender o anel, como havia sido pensado de início, preferindo em vez disso guardá-lo no cofre da capela da favela. Depois de algum tempo, a comunidade pensou melhor e aceitou a oferta da Arquidiocese do Rio de Janeiro e o dito anel está hoje sob a guarda da Arquidiocese, no Palácio São Joaquim.

Rendeu essa visita papal muitos benefícios para a favela, que ganhou acessos de cimento, capinagem, recolha de lixo e obras de infraestrutura. Virou até motivo de piadas o fato de tantas obras serem feitas para uma visita importante, e não poucos sugeriram que o Papa deveria visitar-nos com mais freqüência, se possível, todo ano.

E segue a Favela do Vidigal sua trajetória no fim do milênio, confiante de que um dia participará mais da gestão de seu próprio destino, crescendo defronte de uma das mais lindas vistas do Brasil, e sendo a única comunidade favelada erigida na fronteira exata entre Deus e o Diabo.

HOTEL RIO SHERATON - AV. NIEMEYER, 121 - VIDIGAL

Projeto dos arquitetos Henrique Ephin Mindlin, Walter L. Morrison, Walmyr Lima Amaral, Pedro Augusto V. Franco e Marc D. Foundoukas, o hotel localiza-se em terreno com cerca de 30 mil m<sup>2</sup>, caracterizado por forma alongada e forte declividade, no costão da av. Niemeyer. Construído de 1968 a 1971, possui embasamento com cinco pavimentos abaixo do nível da rua, onde encontram-se, além das áreas de serviços e equipamentos, 110 quartos distribuídos em torno de estacionamento com acesso por rampa circular. Acima do pavimento de acesso, onde estão salões, boates, restaurantes e cozinha, ergue-se uma lâmina com 18 pavimentos e 486 unidades, perpendicularmente à praia, de modo a propiciar a todos os quartos a visão do mar. O hotel compreende aproximadamente 50 mil m<sup>2</sup> de área construída, incluindo-se 17 mil m<sup>2</sup> de garagens.

#### MOTEL VIP'S - AVENIDA NIEMEYER - SÃO CONRADO

Em 1967 a família Loyola adquiriu a velha residência do Comendador Conrado Niemeyer e construiu em seu local o primeiro estabelecimento moteleiro de São Conrado. O projeto, com 51 unidades habitacionais dotadas de garagem independente e dupla circulação, privativa e de serviços, foi concebido com total privacidade pelo arquiteto Luiz Batista Lopes de modo que o usuário não seja percebido por nenhum funcionário da casa e vice-versa. O prédio desenvolve-se ao longo da av. Niemeyer, sendo resguardado por possante muro de arrimo, que lhe confere vista privilegiada do mar e isolamento total do tráfego vizinho. Este projeto mereceu menção honrosa do IAB/RJ em 1971, na categoria de Projetos para fins recreativos, ressalvado o fato de se observar certo desequilíbrio volumétrico e uma falta de coerência estrutural, oriunda da diversidade de revestimentos, já que a casa desejava aparentar uma riqueza formal de "castelo", difícil de se imaginar com os revestimentos modernos.

#### SÃO CONRADO

A Praia de São Conrado já foi denominada Praia da Gávea, nome dado devido à Pedra da Gávea, que domina a região com seus 842 metros de altura e que teve o seu nome dado em virtude da pedra lembrar a gávea de um veleiro antigo, vista do mar. Durante muito tempo as terras da região pertenceram à família de Salvador Correia de Sá e BenEvides, que foi Governador da Cidade e neto do primeiro Governador Salvador Correia de Sá. No local, no século XVII, a família já cultivava a cana de açúcar onde hoje está a Vila Riso. No século XIX boa parte das terras passou a pertencer ao Senador José Pedro Dias de Carvalho e mais tarde, foi adquirida por Antonio Ferreira Viana, Conselheiro de D. Pedro II. A região foi integrada à cidade, em 1916, com a abertura da Avenida Niemeyer, uma obra realizada pelo Comendador Conrado Jacob Niemeyer.

A Auto Estrada Lagoa-Barra foi aberta na década de 60, quando o acesso ao local foi facilitado e o Bairro ocupado. Em São Conrado fica o Gávea Golfe, numa área adquirida em 1921, por herdeiros de Ferreira Viana, que eram admiradores do esporte. As feições atuais do bairro foram adquiridas recentemente, após a década de 70, quando ali começaram a ser construídos condomínios de luxo e hotéis famosos e o local passou a ser um dos mais nobres endereços da Cidade, mas paralelamente o Bairro abriga a maior favela do Rio de Janeiro, a Favela da Rocinha. Na Praça Pepê Lopes, ao final da Praia de São Conrado os praticantes de vôo de asa-delta aterrisam depois de atravessarem o espaço vindo da pista de lançamento, localizada no alto da Pedra Bonita, ao lado da Pedra da Gávea.

#### AUTO-ESTRADA LAGOA BARRA

Projetada em 1965 e implementada entre 1966 e 1971, a Auto-Estrada Lagoa Barra faz parte do conjunto do Anel Rodoviário do antigo Estado da Guanabara, obra adstrita ao Departamento de Estradas de Rodagem, subordinado à Secretaria de Obras públicas. Obra de importância e avultada grandiosidade, a Auto-Estrada Lagoa Barra consta de várias obras de arte: túneis, viadutos, pontes e elevados. Este ramo do anel Rodoviário, que consta da Asa Sul, liga a Lagoa Rodrigo de Freitas, junto ao Jockey Clube, à vasta planície litorânea de Jacarepaguá (Praça Euvaldo Lodi, na Barra da Tijuca), numa extensão de 10,5 km, com duas pistas independentes, com duas faixas de tráfego em cada sentido. Foi dividida em três trechos: 1º. trecho, Lagoa-Rocinha; 2º. trecho, Rocinha-São Conrado; 3º. trecho, São Conrado-Barra da Tijuca. O terreno é dos mais acidentados em túneis e elevados a meia encosta.

1º. trecho: Lagoa-Rocinha, com aproximadamente 4km, parte da Lagoa até alcançar a Rocinha através do Túnel Zuzu Angel (antigo Túnel Dois Irmãos). Pode ser subdividida em três subtrechos: 1)- Lagoa-Praça Sibelius, de 800m; 2)- Praça Sibelius-Túnel Zuzu Angel, com 1,1km, último trecho a ser executado tendo em vista os obstáculos criados com a oposição da Pontifícia Universidade Católica ao corte do Campus Universitário, quando muito antes de a Universidade ali se instalar, havia o projeto da Avenida Olegário Maciel, depois Avenida Padre Leonel Franca, fazendo a ligação à Boca Norte do Túnel Zuzu Angel; 3)- Subtrecho do Túnel Zuzu Angel à Rocinha (Gávea), com 2,1km de extensão, correspondendo ao Túnel Zuzu Angel, com galerias duplas na extensão de 1.600 metros.

2º. trecho: Rocinha-São Conrado, com extensão de aproximada de 2,3km até a praia do Pepino, constituído de pistas de superfície atravessando o Gávea Golf.

3º. trecho: São Conrado-Barra da Tijuca, constando de 5 subtrechos. O 1º. consta do Túnel do Pepino e seus acessos. Com a extensão total de 860 metros este subtrecho compreende um túnel de dois andares de 190m de extensão, com os respectivos acessos, ora em aterro, ora em estrutura de concreto-armado destinado a sobrepor duas pistas que até então eram de superfície de mesmo nível. O 2º. subtrecho: elevado da encosta do Joá, hoje elevado das Bandeiras, com a extensão de 1,1km, em pistas elevadas sobrepostas, a primeira executada no Brasil. O 3º. subtrecho, Túnel do Joá e seus acessos. Foi o Túnel do Joá, construído em dois andares, o primeiro a ser executado no Brasil. Tem 350m de comprimento. Além do Túnel do Joá, constam os acessos pela encosta do Joá em estrutura e, pelo lado da Barra da Tijuca, pista em estrutura e em superfície. O 4º. subtrecho: Ponte sobre o canal da Lagoa da Tijuca, com a extensão de 620 metros, dos quais 120 m são destinados à ponte propriamente dita, que constitui o maior vão livre no Município do Rio de Janeiro, e ainda com balanços sucessivos protendidos. O 5º. subtrecho, Ponte sobre o Canal da Lagoa da Tijuca-Praça Euvaldo Lodi. Este subtrecho, com 960m de extensão, compreende as pistas paralelas de superfície e pistas elevadas sobre o viaduto que vence a Praça Euvaldo Lodi. Esse conjunto de obras faz parte da Asa Sul do Anel Rodoviário e constitui um trecho do primitivo traçado da BR-101 - Rio-Santos.

#### FAVELA DA ROCINHA - GÁVEA - SÃO CONRADO

A favela da Rocinha surgiu em terras da Fazenda Quebra-Cangalha. Era uma propriedade rural de fins do século XVIII, que inicialmente foi um engenho de cana-de-açúcar, passando depois a produzir café, até que em meados do século XIX tornou-se uma fazenda de pequenas culturas. Na república, teve suas terras loteadas e vendidas a pequenos chacareiros. Em 1922, o prefeito Carlos Sampaio reinstalou as feiras-livres no Distrito Federal, as quais haviam sido suprimidas em 1904 pelo prefeito Pereira Passos. Uma das mais disputadas era do Largo das Três Vendas, hoje Praça Santos

Dumont. Esta feira estimulou pequenas culturas de frutas, verduras e legumes nas terras do Alto-Gávea, nos lotes da antiga Quebra-Cangalha, que passou a ser conhecida popularmente por Rocinha.

Em 1932, um posseiro construiu um sobrado na Estrada da Gávea sem a devida legalização do terreno pela Prefeitura. O Prefeito Pedro Ernesto mandou embargar a obra, ato que foi contestado na justiça pelo dito posseiro. O processo parou nos tribunais e não teve continuidade. Aproveitando a situação, uma série de famílias que haviam perdido tudo com a crise do café de 1929, simplesmente invadiram o terreno da Rocinha, construindo barracos de madeira. Esta casa inicial, originalmente um chalé normando e hoje chamada de casa no. 1, foi convertida em 2.003 pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil em Centro Cultural. Todas as casas que se seguiram, são consideradas as primeiras edificações da futura favela.

Por sua vez, na década de quarenta, a maior parte das terras da Rocinha foi adquirida pelos padres jesuítas, para ali instalar sua Pontifícia Universidade Católica, iniciativa do padre Leonel Franca. Foi fundada provisoriamente na rua São Clemente, em Botafogo, mas definitivamente transferida para a Gávea em 1949. Os jesuítas desde o princípio permitiram a ocupação das terras dessa área, considerada como de expansão da Universidade, por famílias dos funcionários da PUC-Rio e, depois de algum tempo, por famílias pobres diversas, atraídas à região pelas enormes possibilidades de emprego na construção civil, oriunda do “boom imobiliário” dos bairros de Ipanema, Leblon, Gávea, Jardim Botânico e Lagoa.

Crescia assim a favela da Rocinha, ainda uma pequena comunidade, tanto que não aparecia nas estatísticas dos anos cinquenta e, quando a região foi assolada por grandes chuvas em janeiro de 1966, pôde-se tirar toda a população do local para sítio mais abrigado até o fim da tormenta. Sendo área dos jesuítas, a Rocinha sempre escapou de todas as tentativas de remoção nos anos sessenta, crescendo em muito quando da ocupação efetiva de São Conrado e Barra da Tijuca, à partir de 1968.

Com os empregos surgidos na construção civil dos grandes empreendimentos imobiliários então surgidos, a comunidade cresceu bastante e tornou-se por muito tempo a maior favela do Rio de Janeiro, depois estimulada pela própria pobreza da população brasileira, principalmente acentuada no fim do Regime Militar, que forçou a migração de grandes contingentes populacionais do nordeste para os grandes centros, momento nos anos setenta.

Rapidamente surgiu na comunidade toda uma série de serviços, o que ajudou na organização espacial, aparecendo comércio e instituições que estimularam a união populacional, principalmente quando os barracos de madeira e zinco foram paulatinamente substituídos por casas de alvenaria, erguidas à partir das sobras de materiais de construção dos grandes condomínios de São Conrado e Barra da Tijuca.

No Brasil se gasta material de construção na edificação de um prédio o suficiente para erguer outros três no Japão. É incrível o nível de desperdício e extravio de material em nossas obras. Como muitos ocupantes da favela da Rocinha trabalham direta ou indiretamente na construção civil, muito material que sobrou, ou mesmo foi desviado, serviu para consolidar o casario na favela, hoje muito verticalizada.

Atualmente, convertida em bairro, a Rocinha ainda mantém a estrutura básica de uma favela, ou seja: um conjunto de residências em encosta de uma população de baixa renda que trabalha em ofícios diversificados. Foi convertida em atração turística à partir dos anos oitenta, haja vista tal comunidade inexistir desta forma em outros países. Sua população, estimada em oitenta mil habitantes, luta para superar os estigmas do passado e se integrar definitivamente à malha do Rio de Janeiro.

#### VILLA RISO - SÃO CONRADO

Construção remanescente de antiga fazenda colonial, pertenceu durante o século XIX ao Conselheiro João Alfredo Correia. Costuma-se afirmar que a redação da Lei Áurea (1888), foi redigida nesta casa. Neste século, passou às mãos da família Riso, que a redecorou com móveis antigos. Em época recente (c. 1980), passou por extensa reconstrução que retirou todo o interesse artístico da residência, para que pudesse ser adaptada à nova função de casa-de-eventos, estando capacitada para sediar festas, bodas, formaturas, casamentos e convenções. Possuindo belos móveis antigos, alguns do século XVIII, santos, capela neocolonial, biblioteca e quadros italianos, a casa também é dotada de espaço para exposições de arte e eventos de grande porte. O parque adjacente possui renque de palmeiras datado da época imperial, remanescente do antigo jardim da residência. Pertence atualmente à Sra. Cesarina Riso.

#### HOTEL NACIONAL - AV. NIEMEYER, 769 - SÃO CONRADO

Por ser a primeira obra de porte construída em São Conrado, na época ainda uma praia deserta (1968-71), este projeto de Oscar Niemeyer não sofreu limitações urbanísticas, e serviu como ponto de referência para o traçado posterior das ruas do bairro. Concebido com a intenção de se integrar à paisagem natural circundante, respondeu ainda ao objetivo do cliente de afirmar a obra como ponto de interesse da cidade, promovendo o estabelecimento através da própria imagem arquitetônica. O anteprojeto original foi bastante alterado, e o projeto construído não corresponde em vários aspectos à concepção original de Niemeyer, que previa uma torre de 50 pavimentos sobre embasamento, e dois auditórios anexos. Depois de vários ajustes, o hotel foi construído com 30 pavimentos sobre dois subsolos (garagem, áreas técnicas e serviços de apoio) e cinco pavimentos de embasamento (recepção, salões de estar e leitura, teatro, áreas de lazer e piscina, salão de beleza, administração, etc.), totalizando área de 57 mil m<sup>2</sup>. A torre circular concentra 510 unidades, distribuídas em torno de eixo central de circulação, o que na verdade privilegia alguns apartamentos em detrimento de outros, quanto à orientação e vistas. Após a conclusão da obra, foi executado o centro de convenções anexo, projetado pela Horsa Imobiliária S. A .

#### HOTEL INTERCONTINENTAL - AV. PREF. MENDES DE MORAES, 222

Situado em terreno de 27.500 m<sup>2</sup> na praia de São Conrado, ao lado do Hotel Nacional, este edifício, projetado por Henrique Ephim Mindlin, Walter L. Morrison, Walmyr Lima Amaral, Pedro Augusto V. Franco e Marc D. Foundoukas, em 1971, totaliza 31.500 m<sup>2</sup> de área construída, distribuída em subsolo, térreo e 15 pavimentos-tipo, com 32 unidades cada. Os quartos foram dispostos linearmente ao longo das fachadas, com circulação central, beneficiados pela implantação perpendicular à praia, o que favorece igualmente as duas fachadas. Para minimizar o efeito do intenso tráfego de veículos circundante e proporcionar ambiente mais acolhedor para as áreas de lazer do hotel, o térreo foi elevado 2m acima do nível da rua. Neste pavimento encontram-se restaurantes, bar, lojas, salões de reuniões, festas e estar. Os salões com entrada independente, operam sem interferir na circulação de hóspedes. A posição central da cozinha, próxima aos elevadores, permite atendimento direto aos restaurantes e salões, assim como aos quartos. No subsolo, além dos serviços e equipamentos gerais, estão situados discoteca, sauna, barbearia, salão de beleza, administração e vestiários. Em torno da área das piscinas e em meio a jardins projetados por Burle Marx, foram dispostos 20 apartamentos-cabanas. Possuindo atualmente 485 unidades, o projeto prevê mais 180 quartos na lâmina.

## VIADUTO DAS BANDEIRAS E AUTO-ESTRADA LAGOA-BARRA

Da São Conrado dos monges beneditinos quase nada resta. O que foi uma de suas fazendas desde os anos 30 nela funciona o “Gávea Golf Club”, cortado pela metade em 1967 pela “auto-estrada Lagoa Barra”. Projetada em 1966 pela equipe do “DER” no auge do “rodoviarismo” brasileiro, representou à época o arrojo maior da engenharia carioca, quando apresentou a original solução do “Viaduto das Bandeiras”, de pista dupla superposta, tirando partido da paisagem, numa bem inspirada solução do engenheiro civil Raimundo de Paula Soares.

## COSTA BRAVA CLUBE - PONTA DA JOATINGA - BARRA DA TIJUCA

Projetado em 1962 e construído entre 1964 e 1970, no período inicial da ocupação desenfreada do litoral do Rio, este clube projetado pelos irmãos Ricardo e Renato Menescal se beneficia de localização privilegiada, numa ponta sobre o mar, na Joatinga. A condição topográfica definiu o partido marcadamente horizontal que se encaixa na rocha, e não interfere volumetricamente na paisagem. As atividades sociais do clube concentram-se num único bloco, que se desenvolve em níveis, numa adaptação às peculiaridades do local. Na enseada oeste foi construída uma piscina de água salgada, com fundo em rocha natural. Na enseada oposta, encontram-se as quadras de esporte. Ligando o clube ao continente, uma ponte em concreto armado vence vão livre de 50m.

## PLANO DA BARRA DA TIJUCA

A auto-estrada Lagoa-Barra, projetada em meados da década de sessenta, foi a certidão de nascimento do novo bairro da Barra da Tijuca, projetado pelo urbanista Lúcio Costa neste mesmo ano de 1968, e implementado em 1969. Pensou-se, assim como em Brasília, fazer a dupla de arquitetos Lúcio Costa-Oscar Niemeyer todo o projeto da Barra. Lúcio ficaria com o planejamento urbano, Oscar construiria os edifícios. O padrão da arquitetura da Barra seria o que fora utilizado pelo mesmo Oscar Niemeyer na torre do “Hotel Nacional”, executado em 1971 no bairro de São Conrado. Mas a especulação imobiliária falou mais alto e ninguém quis saber das torres envidraçadas de Niemeyer.

## HISTÓRIA DA BARRA DA TIJUCA

Os primeiros habitantes da Barra da Tijuca foram os índios tamoios, que mantinham uma grande taba próxima aonde hoje está a Lagoa do Camorim. Seu nome era Guará-Guassú-Mirim (literalmente “filhote de lobo grande”). Em 1565, Estácio de Sá doa essas terras ao sesmeiro Antônio Preto, que nada fará com elas. Em 1570, Salvador de Sá, terceiro governador do Rio de Janeiro, mandou para a região diversos trabalhadores braçais índios, chefiados pelo cacique Mandu, para revolver a terra e plantar cana-de-açúcar. Ao que parece, a aldeia de Guará-Guassú-Mirim já havia sido extinta, ou os índios já teriam se mudado, receando contatos com seus novos donos da terra. Em 1594, Salvador transfere as posses territoriais de toda a zona oeste da cidade a seus dois filhos: Martinho e Gonçalo.

A Martinho, menos empreendedor que o irmão, mas, por sua vez, mais afeito a aventuras, ficou com a várzea de Jacarepaguá (cuja tradução é “lagoa chata dos jacarés”). A Gonçalo, caberia toda a restinga de Jacarepaguá, áreas planas e praias correspondentes às atuais praias do Vidigal, Gávea e Barra da Tijuca. Em setembro de 1594, Gonçalo fundou o Engenho Camorim, próximo à lagoa do mesmo nome (dentro das possíveis traduções de Camorim, está a de “robalo”, um dos peixes abundantes no

local). Por muitos anos, a restinga da Barra da Tijuca foi tomada por extenso canavial. Em 1624, o Prelado Mateus da Costa Aborim, autorizou o funcionamento da capela de São Gonçalo do Amarante, minúscula capela que ainda existe tal e qual, em Vargem Pequena.

Em março de 1634, com diferença de dias, faleceram os dois irmãos Martinho e Gonçalo. Herdou as terras de Martinho o poderoso general e futuro Governador do Rio de Janeiro Salvador Correia de Sá e Benevides, de cuja memória os cariocas sempre guardaram a fama de ter sido homem atrabiliário e cruel. Por sua vez, a herdeira da Barra da Tijuca foi Da. Vitória de Sá, que não quis saber de administrar engenhos, pois casou-se com o Governador de Assunção, D. Luís de Céspedes Xeria, mudando-se para as terras do marido, na América espanhola. Era a época da União das Coroas Ibéricas (1580-1640), onde as duas américas foram apenas uma só propriedade, mesmo que só por um espaço de sessenta anos.

Depois de 1640, Da. Vitória de Sá, já viúva, retornou ao Brasil, só para saber que seu primo, na sua ausência, havia invadido suas posses e, literalmente, tomado a propriedade, que julgava abandonada. Da. Vitória teve de sustentar imensa batalha judicial com o primo Salvador, cada um alegando nos tribunais suas razões. Tendo obtido ganho de causa e não mais desejando desgastar-se em processo tão pouco compensador, Da. Vitória de Sá doou todas as suas posses em 1667 aos monges do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, o que só fez acirrar a luta na justiça, agora, de um lado, os influentes monges; do outro, o poderoso general.

Onze anos depois, finalmente os monges obtiveram vitória completa na justiça, passando a gerir o engenho Camorim sem interferências do vizinho. Eram imensas suas terras. Iam da enseada do Vidigal à Pedra de Guaratiba, abrangendo em profundidade terras que iam até Curicica, o maciço da Pedra Branca, etc. No mesmo ano de 1678, Frei Bernardo de São Bento, monge-arquiteto do Mosteiro de São Bento, traçou a primeira estrada em plagas tão distantes. A estrada velha do engenho, hoje Rodovia dos Bandeirantes. O nome de Rodovia dos Bandeirantes é recente, haja vista que data de 1950, quando um grupo empresarial paulista tentou criar o loteamento Recreio dos Bandeirantes, de efêmera existência, próximo ao maciço da Pedra Branca.

Com o tempo, entenderam-se com a família Sá e prolongaram essa estrada por toda Jacarepaguá, atingindo a Penha. Os monges não podiam comer carne, mas podiam comercializá-la. Descobriram que a restinga produzia ótimas pastagens e passaram a criar gado de corte, cujas enormes manadas conduziam pela estrada velha do engenho até a Penha, onde eram abatidas e embarcadas para a praça do Rio de Janeiro e ali comercializadas.

Um revés sério foi a invasão francesa de setembro de 1710, do qual o engenho Camorim não escapou. O corsário bretão Jean François Duclerc tentou tomar a cidade do Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1710, a mando do Rei Luís XIV de França, que assim queria punir os portugueses por não se aliarem aos franceses na guerra contra Espanha. Rechaçado pela Fortaleza de Santa Cruz, margeou a orla até Guaratiba, onde desembarcou mil homens de seis navios. Deve de ter sido um fabuloso contraste, da natureza luxuriante com o luzidio uniforme vermelho dos soldados do Rei de França. Sem resistência séria, atravessou o maciço da Pedra Branca pela Grota Funda, ocupou militarmente o engenho Camorim e, servindo-se da ótima estrada do engenho, atravessou Jacarepaguá, saqueando os engenhos ali existentes e contando com ajuda dos escravos, que guiaram os franceses pelas trilhas até a cidade, onde acabaram derrotados duas semanas depois.

Sofreu muito o engenho Camorim, que teve suas instalações depredadas e saqueadas, o rebanho roubado e a plantação arruinada. Com o fito de melhor administrar tão grandes terras, resolveram os beneditinos subdividir o engenho em três: Camorim, Vargem Grande e Vargem Pequena, sendo que, este último, fornecia apenas alimentos e provisões aos outros dois. Ainda existem ruínas da casa-grande do Vargem Grande, dentro de uma propriedade particular, o Sítio Petra, na Estrada dos Bandeirantes, 10.636, de propriedade da Sra. Vera Cavalcanti. Dos outros, nada mais resta. No lugar da casa-grande do Camorim, existe hoje o complexo do Riocentro.

O século XIX presenciou a decadência dos canaviais ao redor da cidade e, porque não dizer, da própria ordem beneditina, que enfrentou confisco de muitas de suas propriedades pela Família Imperial. Em 1893, o Abade Prior Frei Manuel de Santa Catarina Furtado empenhou as terras da Barra da Tijuca ao Banco de Crédito Real em Liquidação. Não conseguiu resgatar o empenho, perdendo a posse de tudo para o dito banco no ano seguinte. Furtado chegou a ser penalizado pelo Papa, mas justificou-se. Era mais importante o sacrifício de uma propriedade improdutiva para manter outras, que perder tudo.

O banco tentou lotear alguns trechos da Barra da Tijuca, mas a falta de saneamento básico e infra-estrutura fez todos os planos gorarem. Para piorar, uma série de disputas judiciais sobre as terras da barra travou todos os projetos de loteamentos. Em 1958, a maior parte do espólio do banco foi adquirido pelo empresário tailandês Tjong Ijong Hoei, que passou a administrar a empresa criada para gerir tão grande território, a ESTA S/A.

Em 1968, o Governador do Estado da Guanabara, Francisco Negrão de Lima, convenceu os três maiores empresários, donos da quase totalidade das terras da baixada de Jacarepaguá, a se unirem para aceitar o plano urbanístico encomendado pelo governo ao arquiteto e urbanista Lúcio Costa para urbanização da Barra da Tijuca. O motivo não poderia ser mais premente: a cidade estava com a zona sul completamente ocupada, sem espaço para a crescente expansão urbana.

Múcio Athaíde, advogado e grande proprietário da Barra; Sérgio Dourado, incorporador imobiliário e o tailandês Hoei assinaram um acordo de interesse mútuo com o objetivo de respeitar as regras do Plano Lúcio Costa e de implementar ali uma cidade modelo destinada a mudar o estilo de vida no Rio de Janeiro. Planos mirabolantes saíram do papel e, realmente, por alguns anos, as idéias de Lúcio Costa foram levadas à sério e a cidade foi implementada.

Lúcio Costa elaborou um plano simples. Dois grandes eixos viários cruzando-se ortogonalmente. À volta deles, situar-se-iam os diversos empreendimentos. Sobre o eixo transversal ao mar, estariam os serviços, shoppings e centros de lazer. No eixo longitudinal, ficariam as áreas residenciais. Quanto a essas áreas destinadas à moradia, os terrenos seriam divididos basicamente em três partes. Numa, seriam edificadas grandes lâminas verticais. No segundo terço, residências horizontais, geralmente unifamiliares. Finalmente, no último, áreas de preservação ambiental ou serviços. Os prédios altos seriam isolados uns dos outros, separados por áreas generosas de lazer.

Era um plano revolucionário para os padrões urbanísticos do Rio de Janeiro, inclusive pela previsão de amplas áreas livres, sem construções, com largo espaçamento entre os prédios. Entretanto, abria espaços perigosos para a especulação, deixando amplas áreas sem definir as funções no projeto original e era teórico demais em algumas questões básicas para dar certo. Muitas questões eram utópicas, e fora de nossa realidade social. A pior delas é que pressupunha que a

cidade teria um desenvolvimento constante e ordenado até o ano 2.000, baseado numa premissa de uma estabilidade econômica que logo deixou de existir.

As boas idéias igualmente não suportaram a novidade de deixar tantas áreas abertas ao lazer. Logo o plano foi desvirtuado e, depois de 1975, abandonado. A SUDEBAR, Superintendência de Desenvolvimento da Barra, foi criada logo de início para adaptar o plano de Lúcio Costa à realidade local, mas esta não sobreviveu muito tempo à Fusão dos dois Estados (Guanabara e Rio de Janeiro), em março de 1975. Em breve, a SUDEBAR passou a servir apenas para legitimar as transgressões ao plano original, fato denunciado pelo próprio arquiteto Lúcio Costa, que a dirigia, e que logo se demitiu.

Entretanto, devem ser ressaltados seus méritos. Mesmo trinta e dois anos após a elaboração do Plano Lúcio Costa, a Barra da Tijuca ainda é o bairro mais bem projetado do Brasil, e onde se tem uma das melhores qualidades de vida. Se ainda faltam elementos básicos de infra-estrutura, como esgotos e saneamento, é, entretanto, inegável que a cidade surgida dali vingou e seus moradores sentem-se extremamente orgulhosos e privilegiados de ali residir.

#### LÚCIO COSTA - DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto e urbanista, nasceu em Toulon, França, a 27 de fevereiro de 1902, sendo filho do Almirante Ribeiro da Costa. passou a maior parte da infância na Europa, retornando ao Brasil em 1917, quando se matriculou na Escola Nacional de Belas Artes. Formado em 1924, integrou o escritório de arquitetura do professor Archimedes Memória. Após fazer muitos prédios no estilo neocolonial, descobriu que esse estilo era algo retrógrado e incoerente com a realidade nacional, evoluindo para o modernismo, sob a influência de Le Corbusier (1929-30). Elevado ao posto de diretor da Escola Nacional de Belas Artes pela Revolução de 1930, defendeu a arte e arquitetura moderna, causando grande polêmica. Formou escritório particular de arquitetura moderna com o arquiteto russo naturalizado Gregori Warchavchik (1931-35), empregando alunos que depois se tornariam figuras de primeira plana na arquitetura brasileira, como Jorge Machado Moreira, Ernâni Vasconcellos, Carlos Leão, Afonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer, tendo também muito estimulado as experiências paisagísticas de Roberto Burle Marx. Em 1936 foi escolhido para projetar a sede do novo Ministério da Educação, Cultura e Saúde Pública, o que realizou com a equipe de arquitetos cariocas, sob a orientação de Le Corbusier, que veio especificamente ao Brasil para isso. Revelou o talento de Oscar Niemeyer, entregando-lhe a direção dos trabalhos. Fez muitos projetos de residências e prédios no Brasil e estrangeiro. Dos grandes projetos, podemos citar: sede social do Jockey Clube, na avenida Presidente Antônio Carlos, no Castelo (1956-68); Casa do Brasil, na Cidade Universitária, em Paris (1957-60); Plano Piloto de Brasília (1957); Plano de Urbanização da Barra da Tijuca (1968-75), etc. Publicou vários estudos na Revista do SPHAN, que ajudou a fundar, e obras isoladas, como: Considerações sobre Arte Contemporânea (1952); A Crise na Arte Contemporânea (1959), e outros. Faleceu no rio de janeiro em fins de 1998.

#### FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA - DADOS BIOGRÁFICOS

Político e diplomata, nasceu em Vila Nepomuceno, Minas Gerais, em 1901. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte, onde colaborou em O Estado de Minas e foi diretor da sucursal de O Estado de São Paulo. Em 1933, elegeu-se deputado federal pelo seu Estado, reelegendo-se na legislatura seguinte. Foi embaixador no Paraguai, na Venezuela e na Bélgica, Secretário de Administração do

antigo Distrito Federal na gestão Mendes de Moraes (1946-51); Ministro da Justiça no governo Vargas, em 1951; prefeito do Distrito Federal em 1956-58, criando em sua gestão a SURSAN; e, em 1958-59, Ministro das Relações Exteriores no governo JK; de 1959 a 1963, foi embaixador em Portugal. Em 1965, elegeu-se, por maioria absoluta, governador do Estado da Guanabara, exercendo o mandato até sua conclusão, em 15 de março de 1971. Durante sua gestão, realizou vigoroso plano de obras, tendo completado as de seu antecessor (túnel Rebouças, Aterro do Flamengo, Trevo das Forças Armadas, etc.) e realizado muitas outras, como a urbanização da Lagoa, Catumbi e Cidade Nova, a duplicação da avenida Atlântica e a ocupação da Barra da Tijuca, seguindo o plano Lúcio Costa. Iniciou o Metrô e colaborou com o governo federal na implantação da Ponte Rio-Niterói.

Após 1971 retirou-se da vida pública, dedicando-se à sua vida particular.

#### AVENIDA AYRTON SENNA - ANTIGA VIA 11 OU ALVORADA

Projetada por Lúcio Costa em 1968 e aberta no ano seguinte, faz parte do plano viário da Baixada de Jacarepaguá e foi a primeira ligação direta entre o litoral da zona sul e a região norte do antigo Estado da Guanabara. Tem por objetivo permitir a integração da Barra da Tijuca e o interior e adjacências de Jacarepaguá, em sua ligação com a Avenida Geremário Dantas, Rua Cândido Benício, e outra até a Avenida Brasil. Assim, os habitantes de Madureira, Cascadura e outros bairros da Zona Norte, poderiam alcançar a faixa litorânea nos seus 20km de praia. A extensão total é de 6.000 metros, compreendendo os seguintes trechos:

a)- trecho Barra-Lagoa de Camorim, com 2.800 metros; b)- trecho Lagoa-Camorim-Jacarepaguá com 3.200 metros; sobre a Lagoa de Camorim, foi construída uma ponte de concreto com 60m de extensão. Nesta zona do traçado da antiga Via 11, o terreno é tortuoso, o que dificultou a construção.

#### AYRTON SENNA (DA SILVA) - DADOS BIOGRÁFICOS

O paulista Ayrton Senna, nascido em 1960, foi o mais brilhante piloto de corridas da sua geração, desde os tempos do kart, onde foi o brasileiro que mais ganhou provas. Na Fórmula Ford 2000, na Inglaterra, foi novamente o piloto de maior número de vitórias, na maioria delas, fazendo a melhor volta, saindo na pole e em muitas batendo recordes das pistas. Na Fórmula 3, outra carreira brilhante: chegou a ganhar nove provas seguidas, um recorde mundial. Ganhou o campeonato vencendo 12 das 20 corridas, ficando em segundo em duas e saindo na pole em 16. Em 1984, passou para a Fórmula 1, categoria em que se transformou em ídolo mundial. No primeiro ano, com um fraco Toleman, ficou em 9º lugar. No ano seguinte, com a Lotus, pulou para o 4º, foi 3º em 1987. Pilotou o segundo carro da McLaren em 1988, companheiro de Alain Prost, e ganhou o campeonato. Foi vice em 1989, bicampeão em 1990 e tri em 1991. Em 1992 e 1994, começou a supremacia técnica das Williams, que ganharam o campeonato, embora Senna tenha arrancado algumas vitórias na raça. No início da temporada de 1994, traído por uma falha mecânica fatal, Senna ultrapassou seu limite, batendo na curva Tamburello, no Autódromo de Ímola, em 01º de maio de 1994.

Foi sepultado em São Paulo.

#### LINHA AMARELA - BARRA - LINHA VERMELHA

Importante via expressa, com 17,5km de extensão, ligando a baixada de Jacarepaguá à Linha Vermelha, na altura da Ilha do Governador, atravessando a serra dos Três Rios, sendo dotada de notáveis obras de arte, aí se incluindo quatro túneis,

pontes, trevos e viadutos. Começa na avenida Ayrton Senna, na altura de Cidade de Deus, ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Pena. Passa por três pequenos túneis em Jacarepaguá, logo depois entrando no quarto, o maior do Rio de Janeiro, com 3.100m, escavado na rocha do maciço da serra dos Três Rios, desembocando no subúrbio de Lins de Vasconcelos. Em seguida percorre os arrabaldes de Encantado, Engenho de Dentro, Cintra Vidal, Cachambi, Del Castilho, Bonsucesso e Manguinhos, fazendo então conexão com a avenida Brasil pelo trevo do viaduto Sampaio Correia; prosseguindo por mais mil metros, atinge a Linha Vermelha na altura da Ilha do Fundão. Apesar de projetada desde 1968, como parte da antiga Via 11, só foi iniciada em 1994, sendo inaugurada em 1996. Beneficia em muito a população suburbana, que passou a contar com esta importante ligação Zona Norte/Zona Oeste, desafogando o trânsito que então se fazia por tortuosas vias periféricas, ou pelo Túnel Rebouças.

#### PARQUE ARRUDA CÂMARA(BOSQUE DA BARRA) - AV. DAS AMÉRICAS

Localizado na Barra da Tijuca, na avenida das Américas, esquina de av. Ayrton Senna, próximo ao Terminal Rodoviário Urbano. Ocupa 500 mil m<sup>2</sup> de área preservada de vegetação de restinga. Sua flora nativa serve de refúgio a aves e pequenos animais, que ali encontram condições ideais de reprodução. O Bosque da Barra também possui lagos naturais, áreas de areal, pista de cooper, playground, ciclovias e campo de futebol.

#### IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENA - JACAREPAGUÁ

A primitiva igreja era de proporções menores, tendo sido acrescentadas alas laterais com duas portas, além da central. Esta igreja foi assinalada por Frei Agostinho de Santa Maria, no livro Santuário Mariano, datado de 1723, e ele presume que a construção tenha ocorrido durante o ano de 1664. Data de então, segundo Frei Agostinho de Santa Maria, a devoção que se formou em torno de Nossa Senhora da Pena, motivando constante procura de parte de romeiros e pagadores de promessas. No ano de 1770, após longo período de abandono e ruína, a capela foi restaurada, atraindo novamente multidões de devotos. José Rodrigues de Aragão foi o devoto que a recuperou e de suas doações são as ricas alfaias de prata, imaginárias e pinturas. Na capela mór, cuja talha é datável de 1770, encontra-se a imagem da Padroeira, de 1750. O teto é ornado com seis grandes pinturas, também datadas de 1770, de autoria ignorada. A nave é ornada com riquíssimos silhares de azulejos historiados com o tema do Novo Testamento, executados em Lisboa no ano de 1755. De seu adro avista-se o Maciço da Pedra Branca, o Morro da Panela e a Baixada de Jacarepaguá.

#### CAPELA DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE - ESTRADA DO CAMORIM

Erguida em 1624 segundo provisão do Prelado Mateus da Costa Aborim a pedido de Gonçalo Correia de Sá, proprietário de todas as terras do Engenho Camorim. É uma pequena capela maneirista, muito rústica, com interior simples, ornado com pinturas ingênuas. Sofreu reforma feita pelos monges beneditinos em c. 1750, sem, no entanto, alterar significativamente sua arquitetura. A capela é tombada pelo INEPAC.

#### OLEGÁRIO DIAS MACIEL - DADOS BIOGRÁFICOS

Político, nasceu em Pitangui, Minas Gerais, em 1855. Foi à época do Império, deputado provincial. Na República, foi constituinte (1890-91) e deputado federal em seu Estado. Consultor técnico do Ministério da Viação, vice-governador e governador de Minas Gerais. Em 1930, foi nomeado general honorário por Getúlio Vargas e

nomeado por este interventor em seu Estado. Faleceu em Belo Horizonte em 1933. Seu nome foi inicialmente dado a um logradouro na Gávea, onde é a avenida Padre Leonel Franca. Trinta anos depois foi, finalmente, homenageado na Barra da Tijuca.

#### BANCO BOAVISTA - AV. MINISTRO IVAN LINS, 30 - BARRA DA TIJUCA

Dentro da política promocional empreendida pelo Banco Boavista, que já na década de 40 revelou intenção de reformular o conceito de espaço bancário através do projeto de Niemeyer para a sede da empresa, os arquitetos Davino Pontual, Paulo de Souza Pires, Sérgio Porto e João do Nascimento Ribeiro, optaram em 1981 por uma linguagem arquitetônica que enfatiza o aspecto tecnológico. A preocupação com a redução no custo de energia orientou implantação, volumetria geral e projeto de instalações especiais. A fachada principal, com fechamento em tijolo de vidro, teve proteção garantida pelo movimento dos planos e pelo pergolado em toda sua extensão. Internamente, as instalações foram deixadas aparentes e pintadas em cores vibrantes. Este projeto recebeu Prêmio Rino Levi, na premiação anual do IAB/RJ em 1983, pelo uso correto dos materiais, preocupação com tecnologia e ambientação térmica.

#### ESCOLA VEIGA DE ALMEIDA - AV. DAS AMÉRICAS, 3.301 - BARRA

A escola destina-se a abrigar 1.400 alunos em dois turnos para ensino pré-escolar, 1º. e 2º. graus, com área de construção aproximada de 6 mil m<sup>2</sup>, ocupando terreno plano de 20 mil m<sup>2</sup>. O projeto, do arquiteto Luiz Eduardo Índio da Costa, de 1975-76, propõe espaços amplos, dispostos em três níveis, concebidos como imensas varandas cobertas. A cada nível foram dispostos volumes independentes da laje de cobertura, destinados às salas de aula. As diferentes atividades didáticas, culturais e administrativas são ligadas por circulações avarandadas promovendo a integração entre alunos. A estrutura modulada (6m x 6m) em concreto aparente permite acréscimo de espaço para atender a eventuais expansões ou adaptações. Complementando o projeto arquitetônico, adotou-se um sistema de informação visual que utiliza a cor para caracterizar atividades diversas, e tem por suporte totens, murais e painéis.

#### ATHAYDEVILLE - AV. DAS AMÉRICAS - BARRA DA TIJUCA

Quando Lúcio Costa, o criador do Plano Piloto de Brasília, percebeu que a Barra da Tijuca, o último recanto do Rio onde a natureza ainda era preservada, estava sendo invadida por loteamentos que ameaçavam torná-la, em pouco tempo, igual a Copacabana, apressou-se em reunir os maiores proprietários da região para lhes propor aparentemente o impossível: construir em apenas um terço do terreno.

Para surpresa dos especuladores e sorte da cidade, a proposta foi aceita.

Na planície da Barra (20 quilômetros de extensão por 5 de largura, em média), os prédios seriam construídos em "ilhas urbanísticas", que se sucederiam com 01 quilômetro de distância uma da outra. Nesses bolsões, Lúcio Costa previu torres altíssimas, de trinta a quarenta andares, que concentrariam a população na vertical. As torres, previstas para ter perfil circular, seriam dispostas de tal forma que a paisagem não ficaria emparedada por uma muralha, como em Copacabana.

A primeira dessas "ilhas" (seriam nove, ao todo, no projeto primitivo), foi o "Centro da Barra", depois rebatizado para Athaydeville. Prevista com 76 torres, foi projetada em 1969 por Oscar Niemeyer, o construtor de Brasília. Na proposta, Niemeyer fazia questão de desenhar uma barreira de edifícios, riscá-la e escrever ao lado: "Copacabana e Ipanema são péssimos exemplos que não devem ser repetidos".

Múcio Athayde, incorporador do Centro, um agitado advogado mineiro nascido em 1934, prometia que os seus desejos de lucros não acabariam transformando a Barra num outro problema urbanístico: “A natureza será preservada e a poluição contida. A selva de concreto amado que é Copacabana não mais vai se repetir”.

Lêdo engano. Falhas no projeto, a falta de conforto nas unidades, os problemas resultantes da forma cilíndrica dada aos prédios, parte deles apenas com algumas unidades voltadas para o mar, o posterior desvirtuamento do mesmo e a utilização de materiais impróprios à construção, somadas a falhas de execução, reduziram as 76 torres cilíndricas a quatro. Somente uma foi completada e habitada. Outra, ficou pronta, mas nunca recebeu o “habite-se”. As outras duas não passaram dos quatro pavimentos. A construção das torres de Niemeyer parou em 1973.

Athaydeville acabou sendo um sucesso imobiliário, mas não seguindo as instruções de Niemeyer. Foram erguidas muitas torres, seguindo um estilo mais tradicional, que fez sucesso em Nova Ipanema e Novo Leblon, condomínios vizinhos surgidos sete anos depois. A floresta de concreto se repetiu e a ecologia foi mandada para o espaço. O condomínio é o principal poluidor da Lagoa de Marapendi.

#### NÚCLEO RESIDENCIAL NOVA IPANEMA - AV. DAS AMÉRICAS, KM 6

A partir da década de 70, o mercado imobiliário se apropria de alguns fundamentos do urbanismo moderno, e começa a construir conjuntos fechados destinados às faixas de poder aquisitivo mais alto. No Rio, este fenômeno ocorreu principalmente em direção à Barra da Tijuca, vetor de expansão da cidade até então pouco explorado. Os núcleos residenciais de Nova Ipanema e Novo Leblon, desenvolvidos simultaneamente em 1975 pelo escritório dos arquitetos Edison Musa e Edmundo Musa, constituem os exemplos mais claros da intenção de introduzir os novos conceitos de planejamento, apresentando o condomínio como evolução “natural” ao habitar. Os próprios nomes com que foram batizados indicam o caráter do empreendimento, afirmando a proposta de construir novas versões dos bairros mais elegantes da zona sul. O projeto para Nova Ipanema é voltado para o atendimento imediato a todas as necessidades do morador, constituindo-se como uma unidade que se quer autônoma: áreas de lazer e esporte, espaços comunitários, caminhos de pedestre, pequeno comércio. As zonas residenciais se organizam em faixas paralelas a partir da av. das Américas: alta densidade (oito prédios de apartamentos comunidades de três e quatro quartos) e baixa densidade (116 lotes para residências unifamiliares, a partir de mil m<sup>2</sup> cada). O conjunto possui ainda área de apoio náutico junto à Lagoa de Marapendi, com balsas que fazem conexão com a praia, distante cerca de 300m.

#### UNION CHURCH - NOVA IPANEMA - BARRA DA TIJUCA

Edificação para fins religiosos, projetada pelo arquiteto Paulo Casé em 1981 e premiada pelo IAB/RJ em 1985. O espaço arquitetônico proporciona ao público a fruição de um ambiente acolhedor, incorporando às exigências do culto uma linguagem claramente contemporânea. A composição se utiliza de elementos tradicionalmente associados a espaços religiosos, reinterpretados, segundo ótica atual, como o sentido de verticalidade, o clima de penumbra obtido pela dosagem de luz e os elementos portantes manifestados externamente. Plasticamente, a expressão do conjunto é assegurada pela estrutura em concreto aparente onde se destacam o campanário e o corpo da nave, com cobertura inclinada ascendente para o altar, apoiada por vigas metálicas que vencem vão de 15m e se assentam sobre contrafortes em concreto armado que estruturam o talude de onde emerge a nave. Entre a cobertura e o talude

foi aberta uma área para iluminação e ventilação, sob a qual se dispõe ampla vegetação. A luz filtrada pelos vitrais coloridos dispostos atrás do altar contribui para a iluminação natural do interior, gerando uma atmosfera própria à meditação.

#### CONJUNTO RESIDENCIAL NOVO LEBLON - AV. DAS AMÉRICAS, KM 8

Conjunto residencial formado por oito torres com apartamentos de dois, três e quatro quartos. A organização do conjunto segue a proposta do projeto precedente, projetado pelos mesmos arquitetos na mesma época, em terreno vizinho com 540 mil m<sup>2</sup> de área, limitado ao norte pela av. das Américas e ao sul pelo parque da Lagoa de Marapendi. As torres são dispostas sobre plataforma destinada a lazer com piscinas e infra-estrutura esportiva, e em seu entorno ficam as casas; as edificações delimitam um amplo espaço comunitário, com bosque, clube, campos de golfe e escola.

#### CRECHE TIC-TIC-TAC - CONDOMÍNIO MANDALA - BARRA DA TIJUCA

Em terreno plano de 3.500m<sup>2</sup>, num dos condomínios fechados da Barra da Tijuca, foi implantado em 1983 este projeto das arquitetas Ofélia Autran Dourado e Ângela Leite Barbosa, para responder a programa bastante específico. A concepção baseia-se em módulos de 5,00m x 5,00m, organizados de forma a atender a diferentes finalidades; os blocos de atividades independentes são interligados por passarela coberta com laje de concreto, iluminada por domus em estrutura metálica. O arranjo das unidades permitiu a criação de pátios privativos destinados a faixas etárias distintas e usos diversos. Predominam as cores primárias nas esquadrias e elementos metálicos, proporcionando ao conjunto uma jovialidade coerente com o propósito do projeto.

#### CONDOMÍNIO SANTA MÔNICA - AV. DAS AMÉRICAS - BARRA DA TIJ.

Grande empreendimento imobiliário, iniciado em 1980, e que ainda estava sendo implementado dez anos depois. Projetado pelos irmãos Edson e Edmundo Musa, foi o primeiro conjunto habitacional a prever um crescimento orgânico, em etapas preestabelecidas, conforme os serviços urbanos do bairro fossem implantados, num esquema oposto ao do Atlântico Sul. Os incorporadores confiavam plenamente no pronto crescimento do bairro, bastando dizer que algumas unidades foram pensadas prevendo a proximidade da futura estação do Metrô-Barra, ainda hoje não implantada. Na primeira etapa, era um conjunto composto por loteamento de terrenos amplos de 1.200m<sup>2</sup>, onde foram previstas residências de alto luxo, com unidades de, no mínimo 04 quartos. O condomínio era claramente inspirado no famoso subúrbio californiano, seguindo um traçado orgânico densamente arborizado, imitando o padrão de vida do local cujo nome sugeria. As casas seriam cercadas por cercas vivas em vez de muros, sendo toda a parte íntima voltada para o interior dos lotes, garantindo privacidade total, reforçada ainda mais por serem as unidades de sobrado. A implementação total do condomínio sofreu muitos atrasos, sendo depois instalados serviços internos não previstos originalmente, haja vista que os programados para o bairro sofreram atrasos em sua implantação, haja vista a estagnação pelo qual o Município passou na década de oitenta.

#### PARQUE ZOOBOTÂNICO DE MARAPENDI - AV. DAS AMÉRICAS, S/NO.

Compreendendo as margens sul e norte da Lagoa de Marapendi, possui a maior diversidade de flora de restinga do Município. Nesse ecossistema encontram-se espécies animais ameaçadas de extinção, tais como o jacaré-de-papo-amarelo; o lagartinho-branco-da-praia; e o falcão peregrino.

Encontram-se também espécies vegetais raras, tais como a quétea, o molembá, a sévula (ou mangue-de-praia), a canela santa e a embaúba-de-restinga.

O parque foi tombado pela Municipalidade em 1991.

PEDRA DE ITAÚNA - AVENIDA DAS AMÉRICAS, S/NO. - BARRA DA TIJ.

Bloco rochoso monolítico em gnaiss facoidal, marco paisagístico de grande expressão local, é um monumento natural isolado, depositário de vegetação das mais raras.

Tombado pelo INEPAC em 1975.

PEDRA DA PANELA - ESTRADA DA PEDRA DA PANELA - ANIL

Bloco rochoso monolítico em gnaiss facoidal, monumento natural localizado a 100 metros da estrada, completamente integrado à paisagem de Jacarepaguá.

Tombado pelo INEPAC em 1969.

CONDOMÍNIO ATLÂNTICO SUL - AV. SERNAMBETIBA, 3.600 - BARRA

Unidade habitacional de alto luxo, com prédios distribuídos em amplo terreno frente ao mar, portando cada lâmina apartamentos de luxo com 3 e 4 quartos e piscina privativa na varanda. Projetado em 1977 pela Sérgio Dourado Arquitetura e Planejamento, esta unidade, a primeira de grande porte nessa região da orla, utilizou-se de seu grande isolamento para aproveitar todo o espaço disponível ao nível do solo com serviços que permitissem ao máximo a convivência sem depender da infraestrutura, então inexistente de mercados, lazer e serviços gerais da Barra. Os generosos equipamentos urbanos contam com quadras de tênis com instrutores; quadras de vôlei, basquete e futebol; piscina com instrutores; shopping center; sauna, salões de massagem, repouso, jogos e cinema; academias de ballet e ginástica com instrutores; deck e porto náutico na Lagoa de Marapendi; área para ginástica ao ar livre, jardins lagos e fontes de Burle Marx; dois restaurantes; posto médico; cartão de crédito interno e seis linhas de ônibus privadas, etc. Enfim, toda uma forma de vida que o novo bairro se proporcionava para receber e atrair.

CONDOMÍNIO RESIDENCIAL ALDEIA DO MAR - AV. SERNAMBETIBA

Concebido por uma equipe de arquitetos da Servenco Construtora S. A., formada por Fernando Abreu, Dibar Gonçalves, João Vicente do Amaral Mello, Paulo Bernardo Goldstein, Márcia Queiroz Bastos e Marcus Vinícius Lustosa de Souza, este condomínio, projetado em 1983, se beneficia de uma taxa de ocupação, cerca de 20%, bem abaixo da exigida por lei, em terreno de 49 mil m<sup>2</sup>, onde 15 mil m<sup>2</sup> são destinados a lazer e circulação. O programa previa um conjunto de oito prédios de cinco pavimentos, cada um com quatro apartamentos por andar. Os blocos de três e quatro quartos foram dispostos ao redor de uma praça, sobre plataformas elevadas cerca de 01m em relação ao passeio, interligadas por áreas ajardinadas, sob as quais estão os estacionamentos. O material predominante no revestimento externo é o mosaico cerâmico de 5cm x 5cm com esmaltação em amarelo queimado, contrastando com os volumes das caixas d'água superiores, pintadas em tom café, e com alguns elementos em concreto aparente. Como em outros condomínios da região, foi reservado espaço para uma área de lazer, onde se localizam salões de festas, bar, piscinas, quadras de esporte e salas de atividades artísticas e artesanais. Uma ciclovia e um minibusque, onde foram plantadas cerca de 150 árvores, complementam o conjunto.

COMPLEXO HABITACIONAL ALFABARRA - AV. SERNAMBETIBA, 6.500

O conjunto Alfabarra representa um dos núcleos de torres previstos no plano de Lúcio Costa para a Baixada de Jacarepaguá, e é composto por duas áreas distintas, ladeando a av. alvorada, entre o mar e a lagoa. No total, o projeto de 1980 dos arquitetos Luiz Paulo Conde, Mauro Neves Nogueira, Sérgio Magalhães, Sandra Muylaert, João José da Silva Costa, Leonardo Stucker Fialho, Juan Carlos Di Filippo e Isso Milman, prevê a construção de cinco torres residenciais com seis pavimentos, dispostos ao redor de uma praça, com três escolas, clube e áreas de recreação. A expressão dos volumes é reforçada pelo tratamento dado às fachadas: predominância de cheios sobre vazios, varandas reentrantes, material de revestimento único e monocromático para cada edifício e toldos que quebram a regularidade do bloco. Edifícios comerciais e de serviços, com gabarito máximo de dois pavimentos, foram implantados entre as torres ou configurando uma rua interior, vinculada à Lagoa de Marapendi.

MUSEU CASA DO PONTAL - ESTRADA DO PONTAL - 3.295 - RECREIO

É o maior museu de arte popular brasileira, único no país a permitir uma visão abrangente da vida e da cultura do homem brasileiro. O museu foi criado especialmente em 1992 pelo designer francês Jacques Van de Beuque (1922-2.000), para abrigar sua coleção de arte popular brasileira, constituída ao longo dos últimos 50 anos, sendo, portanto, uma instituição de caráter particular, aberta ao público. A importância da coleção se revela nas 22 exposições de que já participou em oito países diferentes na Europa, e nos EUA. O museu situa-se num dos mais belos recantos da cidade do Rio de Janeiro, em aprazível sítio no Recreio dos Bandeirantes, entre o mar e a reserva ecológica da Serra de Grumari.

RIOCENTRO - ESTRADA DOS BANDEIRANTES, 8.601 - JACAREPAGUÁ

Destinado a grandes eventos, o projeto para o conjunto do Riocentro, projetado por Hélio Modesto em 1977, compreende pavilhão central para feiras, pavilhão de congressos, três pavilhões de exposições, dos quais apenas um foi executado, e edificações de serviço. O terreno de 600 mil m<sup>2</sup>, localizado na junção de duas artérias de tráfego, foi atravessado por um sistema de circulação interna que permite acesso fácil a todas as edificações e escoamento rápido. Os pavilhões ocupam o centro do terreno, deixando a periferia livre para os serviços de apoio, áreas verdes e estacionamento para seis mil veículos. As edificações mais marcantes são os pavilhões de congressos e exposições: o primeiro tem área construída de 20 mil m<sup>2</sup>, e capacidade para atender até dez mil participantes. A estrutura de concreto se conjuga à estrutura metálica da cobertura, beneficiando os amplos espaços com perspectivas atraentes. No Pavilhão de Exposições a estrutura metálica cobre 31.500m<sup>2</sup>, apoiada sobre seis colunas espaçadas por vãos de 60 m. A organização dos blocos permite sua utilização isolada ou simultânea.

INDÚSTRIAS QUÍMICO-FARMACÊUTICAS SCHERING - E. DOS BANDEIR.

Indústria de produtos químicos, implantada em área então destituída de iniciativas similares, o que lhe permitiu estender-se horizontalmente por uma grande área. O complexo, elaborado em 1974 pelo arquiteto Sérgio Bernardes, compreende quatro unidades de função variada, agenciadas ao redor de um lago e unificadas por uma grande cobertura em treliça espacial assente sobre pilares de concreto amado; assegurando continuidade visual ao conjunto.

HOSPITAL GERAL DE JACAREPAGUÁ - AV. MENEZES CORTES, 3.245

Esta obra, projetada em 1987 por jovens arquitetos do escritório Archi 5 (Bruno Fernandes, Alder Catunda, Otávio Reis, Pedro da Luz e Roberto Nascimento), veio responder à necessidade de ampliação de um hospital do INAMPS, na periferia da cidade. Os serviços de ambulatório, atendimento e apoio foram concentrados em um bloco único, formado por dois pavilhões paralelos e pátio central descoberto. O volume se articula com o prédio existente através de circulação semicircular com acessos independentes para equipe médica e pacientes, que se fecha ao redor de uma praça descoberta. Toda a estrutura, cobertura e vedação da nova edificação foram compostas por elementos pré-fabricados de concreto, visando atenuar os problemas decorrentes da convivência do canteiro de obras com o sistema hospitalar. Na própria obra foram executados apenas os blocos de concreto, nos quais se aplicou pigmentação avermelhada para compor as faixas horizontais que caracterizam as duas fachadas principais.

O projeto foi premiado pelo IAB/RJ, em 1991.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO LORETO – LADEIRA DA FREGUESIA,  
375 - FREGUESIA.

A Freguesia de Jacarepaguá foi criada a 6 de março de 1661, pelo Prelado Dr. Manuel de Souza Almada, atendendo aos pedidos da população de agricultores locais, que não possuíam capela decente para receberem os sacramentos. Três anos depois, era ultimada a igreja, em terras que foram do Padre Manoel de Araújo, e que foram doadas pelo devoto Francisco de Aragão. A benção do edifício foi dada pelo Prelado Almada, em missa onde esteve presente até o Governador do Rio de Janeiro, Pedro de Melo, vereadores e demais cônegos da Sé.

A Igreja é relativamente pequena, com vinte metros de frente por quarenta de fundo. Possui frontão reto em estilo maneirista, possuindo três janelas no coro e uma porta de entrada, modificada no século XVIII. Originalmente possuía apenas a torre esquerda, sendo a da direita erguida em 1936. O templo foi reformado em 1896, mas não deturpam sua arquitetura. No século XX, o Vigário Monsenhor Felício Magaldi executou muitas obras de manutenção, sempre respeitando a anciandade do monumento. Monsenhor Magaldi contou sempre com a ajuda do pintor José Boscagli, que remodelou a pintura dos altares e fez alguns painéis sacros.

Dentro, existem quatro altares antigos na nave, e que são em estilo rococó, devendo datar de meados do século XIX. O altar mór, do mesmo estilo, mas mais simples, deve datar de mais tarde. As imagens de São Benedito, Nossa Senhora das Dores, N. Sra. de Pompéia e Nossa Senhora da Conceição datam todas do século XIX, sendo a primeira a mais antiga. A Capela de Santo Antônio Maria Zacaria é mais recente, de 1939, aberta pelos padres Bamabitas que com tanto zelo cuidam do templo colonial desde 6 de janeiro de 1921. Em 1977/79 a igreja foi restaurada em seus detalhes com o apoio da comunidade.

Nossa Senhora do Loreto é Padroeira dos aviadores, devido a um milagre sui generis ocorrido em plena idade média, há exatos 710 anos.

A 10 de dezembro de 1294 na vila de Loreto, na Itália, a população acordou boquiaberta com uma maravilhosa ocorrência. Uma casa de madeira, de aparência antiga, aparecera no meio de um bosque. Aberta a porta da estranha residência, foram encontradas belas pinturas nas paredes e um altar, com a imagem da Virgem. Tempos depois chegou a notícia que a residência da Virgem Maria, em Nazaré, na Palestina, desaparecera misteriosamente. Pelas descrições era a mesma casa. Ora, naquela época todos os monumentos cristãos no Oriente Médio estavam sendo destruídos

pelos fundamentalistas islâmicos, que controlavam então a cidade de Jesus. A destruição da Casa da Virgem era apenas questão de tempo. Dizem as testemunhas que anjos removeram a casa durante a noite, desde os alicerces, da Palestina até a Itália. Com efeito, tanto a madeira da casa como as pedras nela existentes não se encontram na Europa. A dita Casa da Virgem ainda existe, só que hoje está dentro de uma lindíssima basílica barroca, levantada pelo Papa Sixto V em 1587.

Coisa que poucos sabem, parece que os anjos fizeram uma “escala” ou erraram o caminho, pois a mesma casa aparecera antes na vila de Tersato, a 10 de maio de 1291, alçando vôo três anos e sete meses depois para o pouso definitivo em Loreto.

A 20 de março de 1920, o Papa Benedito XV declarou a Virgem de Loreto Padroeira dos aviadores, em lembrança aos anjos que removeram a casa da Virgem desde a Palestina até a Itália. Na década de 1970, o Ministro da Aeronáutica a declarou Padroeira da Aviação Brasileira, Civil e Militar, sendo o modesto templo da Freguesia elevado à condição de Santuário Nacional.

Sua festa se dá a 10 de dezembro.

#### PARQUE ECOLÓGICO MUNICIPAL CHICO MENDES - AV. DAS AMÉRICAS

Criado pelo então Prefeito Marcello Alencar em 1989, no Recreio dos Bandeirantes, o Parque Ecológico Municipal Chico Mendes ocupa uma área de 440 mil m<sup>2</sup> na Baixada de Jacarepaguá. Tem como principal objetivo proteger, da crescente especulação imobiliária, o ecossistema de restinga que ainda resta no município do Rio de Janeiro.

Os técnicos da Fundação Rio Zôo, órgão da Prefeitura que administra o Parque, tem promovido a reestruturação da flora remanescente e experimentado a reintrodução da fauna original.

Além disso, eles tem desenvolvido, com grande êxito, programas de educação ambiental junto às comunidades carentes, que se situam nas imediações do Chico Mendes, às escolas e ao público visitante.

Entre os animais existentes no Parque, destacam-se a borboleta-da-praia, o lagarto-da-praia (animais em extinção) e o jacaré-de-papo-amarelo, cuja ocorrência na região deu origem ao nome do bairro de Jacarepaguá (Lagoa Chata dos Jacarés).

#### APA DE GRUMARI - AV. ESTADO DA GUANABARA - GRUMARI

A sudoeste do município do Rio de Janeiro fica um dos mais belos trechos do litoral carioca: a Região de Grumari, transformada em área de proteção ambiental em 1986.

Cercada de morros e escarpas, a paisagem oferece um fascinante contraste entre o azul e o verde.

Em frente, ficam as ilhas das Palmas e das Peças, que também integram a área de proteção ambiental.

A vegetação arenosa de restinga é o testemunho natural do que existiu em Copacabana, Ipanema e Leblon.

Em Grumari, ela resiste intacta.

#### MACIÇO DA PEDRA BRANCA – JACAREPAGUÁ / TAQUARA

O Maciço da Pedra Branca começa na Praia dos Búzios, em Barra de Guaratiba, e vai até Sulacap, passando por lugares como as densas florestas de Vargem Grande e do Camorim, em Jacarepaguá, e as comunidades agrícolas do Rio da Prata, em Campo Grande. Vários pontos da cidade são abastecidos por alguns dos 12 mananciais do Parque.

O Parque, no maciço do mesmo nome, é a maior reserva natural do Município. Ele tem 12,5 mil hectares e se estende pelas serras dos bairros de Jacarepaguá, Recreio dos Bandeirantes, Grumari, Campo Grande, Bangu, Barra de Guaratiba e Senador Camará.

Além de uma exuberante floresta, o parque abriga vários reservatórios naturais de água e o ponto mais alto do Rio: o Pico da Pedra Branca, com 1,25 mil metros de altitude, em Bangu.

O Maciço foi transformado no Parque Estadual da Pedra Branca, em 28 de junho de 1974, através do Decreto no. 2.377.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1) Barroso, Gustavo; Nos Bastidores da História do Brasil. São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d., il.
- 2) Barroso, Gustavo; Segredos e Revelações da História do Brasil. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1961.
- 3) Calmon, Pedro; A Vida de D. Pedro II - O Rei Filósofo. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1975, il.
- 4) Castro, Hebe Maria Mattos de; Schnoor, Eduardo; Resgate - Uma Janela para o Oitocentos. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995, il.
- 5) Corrêa, Viriato; História da Liberdade no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- 6) Debret, Jean Baptiste; Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1954, 2 vols., il.
- 7) Ewbank, Thomas; Vida no Brasil. Belo Horizonte/São Paulo, Livraria Itatiaia Editora/Edusp, 1976, il.
- 8) Fazenda, José Vieira; Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1919/28.
- 9) Freitas, Maria Aparecida Rezende Gouveia de; Bananal - Cidade Histórica - Berço do Café. São Paulo, Massao Ohno Roswitha Kempf Editores, 1981, il.
- 10) Freyre, Gilberto; Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1978, il.
- 11) Freyre, Gilberto; Sobrados e Mucambos. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro, 1977, 2 vols., il.
- 12) Frota, Guilherme de Andréa; Apontamentos para um Guia Histórico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1971, il.
- 13) Gerson, Brasil; História das Ruas do Rio. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, Coleção Vieira Fazenda, 1965, il.
- 14) Lamego, Alberto Ribeiro; O Homem e a Guanabara. Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1964, il.
- 15) Lamego, Alberto Ribeiro; O Homem e a Serra. Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1963, il.
- 16) Macedo, Sérgio Duarte Teixeira de; A Queda do Império. Rio de Janeiro, Editora Record, 1963, il.
- 17) Mendonça, Carlos Sussekind; Quem Foi Pedro II. Rio de Janeiro, s/ed., 1929.
- 18) Moraes, Alexandre José de Mello; Chronica Geral e Minuciosa do Império do Brasil. Rio de Janeiro, Dias da Silva Júnior ed., 1879, il.
- 19) Ribeyrolles, Charles; Brasil Pitoresco. São Paulo/Brasília, Livraria Martins Editora, Instituto Nacional do Livro, 2 vols., 1976, il.

- 20) Rugendas, João Maurício; Viagem Pitoresca Através do Brasil. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1954, il.
- 21) Valverde, Orlando; A Fazenda de Café Escravocrata no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Café, 1967, il.
- 22) Wehling, Arno, coord.; A Abolição do Cativo. Rio de Janeiro. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1988.

Milton de Mendonça Teixeira, professor de história.